



OS NÍVEIS DE LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ademária Sales Oliveira ALMEIDA – UFCG
a_demariasales@hotmail.com

Morgana de Medeiros FARIAS – UFPB
morgananp14@hotmail.com

Valdinete dos Santos MESSIAS – FIP
valdinetesantos36@gmail.com

RESUMO

O trabalho com a leitura em sala de aula é algo que exige do professor esforço e paciência, pois não é uma atividade que notamos de imediato os resultados. É na prática diária, junto com a motivação estabelecida pelo professor, que o aluno desenvolve o gosto pela leitura e tornasse um leitor proficiente. Pensando assim, e motivados pelas reflexões da prática de ensino, nosso trabalho tem como objetivo geral analisar se os alunos do 8º do Ensino Fundamental Anos Finais conseguem atingir os três níveis de leitura (explícito, implícito e metaplícito) comum a um leitor proficiente com base em questões elaboradas de acordo com as estratégias de leitura pré-textuais, textuais e pós-textuais. A nossa pesquisa se fundamenta nas orientações sobre a formação de leitores e prática de leitura apresentada pelos PCNs (1997), em Koch e Elias (2012), Santos et al (2012) acerca dos conhecimentos prévios, estratégias e etapas de leitura e sobre os níveis de leitura em Colaço (1998), Araújo (2014) e Bezerra e Tabosa (2006). Depois da análise, observamos que uma parte dos alunos chegam ao 8º ano do ensino fundamental sem compreender o que lê, estando ainda em um nível de decodificação. Essa realidade foi constatada na turma de 8º Ano da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, em que analisando atividades de interpretação textual tivemos a oportunidade de presenciar as inúmeras dificuldades que os alunos apresentavam quando precisavam responder uma questão que envolveriam o nível implícito e metaplícito.

Palavras chave: Leitura; níveis de leitura; leitor proficiente.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é uma atividade extremamente complexa e para que ela seja efetuada na escola de maneira satisfatória é necessário a organização de atividades que levem em consideração estratégias de antecipação e hipóteses. Sendo assim, formar leitores proficientes é um processo delicado, pois é necessário um trabalho ativo por parte do professor que leve o aluno a pensar a respeito da construção dos significados que um texto pode expressar. Colaço apud Bezerra e Tabosa (1998), afirma que existem três níveis de leitura que devem ser atingidos por um leitor proficiente, o explícito, implícito e metaplícito.

Focando na importância da leitura, o presente trabalho que aqui apresentamos traz o relato das experiências vivenciadas na disciplina de Prática de Ensino de Língua Portuguesa I – UFCG, especificamente com relação ao eixo da leitura. A partir das reflexões feitas durante

o período de estudo da teoria e execução da sequência didática, surgiu-nos o seguinte questionamento: Os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual São Sebastião atingem os três níveis de leitura (explícito, implícito e metaplícito) comum a um leitor proficiente? Para alcançar a resposta para tal problemática, temos como objetivo geral analisar os níveis de leitura com base em questões elaboradas de acordo com as estratégias de leitura pré-textuais, textuais e pós-textuais.

O presente trabalho se justifica pelo interesse em pesquisar se os alunos mediados pelas etapas e estratégias de leitura apresentadas por Santos et al (2012) (atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais) conseguem alcançar os três níveis de leitura (explícito, implícito e metaplícito) propostos por Colaço (1998), pois durante a realização das primeiras atividades de interpretação, notamos que os alunos apresentavam inúmeras dificuldades de compreensão, tanto em relação a compreensão do texto de modo geral, quanto em relação ao que as atividades estavam solicitando.

A nossa pesquisa se fundamenta nas orientações sobre a formação de leitores e prática de leitura apresentada pelos PCNs (1997), em Koch e Elias (2012), Santos et al (2012) acerca dos conhecimentos prévios, estratégias e etapas de leitura e sobre os níveis de leitura em Colaço (1998), Araújo (2014) e Bezerra e Tabosa (2006).

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A formação de leitores e as orientações dos PCNs.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam duas concepções a respeito da prática de leitura que devem ser superadas nas escolas, a fim de formar leitores proficientes: “a principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras e sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação” (p. 42) e a segunda “é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto.” (p. 43)

Levando em consideração a primeira concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores”, capazes apenas de decodificar os elementos gráficos uma vez que apresentam enormes dificuldades para compreender o que está se lendo. A fim de superar este nível de leitura é necessário que a escola ofereça inúmeras oportunidades para que os alunos aprendam de fato a ler e compreender. Os PCNs (1998) indicam alguns procedimentos:



É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura. (p.42)

Utilizando-se desses procedimentos adequados para as práticas de leitura, exige-se que o aluno ponha em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe, cobrando do aluno uma prática reflexiva de leitura. Santos et al (2012) acrescenta afirmando: “Aprender a ler, é muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor” (p. 41)

Quanto à segunda concepção a respeito da leitura, é necessário que os leitores entendam que o significado constrói-se a partir da interpretação do leitor. Portanto, cabe ao professor compreender os diferentes sentidos atribuídos ao texto pelos alunos, mas ao mesmo tempo, estes precisam entender que nem toda interpretação cabe a um texto.

Os PCNs (1998) afirmam que para formar bons leitores “a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Precisa fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência” (p. 43).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam também como a escola deve desenvolver as práticas de leitura, bem como alerta sobre sua importância, uma vez que a partir do desenvolvimento da competência leitora, o aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas. Segundo esse documento, um leitor proficiente se define como:

(...) alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (1998, p. 41)

Formar leitores proficientes é um processo delicado, pois é necessário um trabalho ativo por parte do professor que leve o aluno a pensar a respeito da construção dos significados que um texto pode expressar. Para atingir o estágio da proficiência leitora, é fundamental que o aluno compreenda o que lê. As orientações de acordo com os PCNs (1998) são mais profundas e afirmam:

que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e

validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN, 1997, p.41)

Essa competência só será concretizada pelas práticas de leitura constante realizadas principalmente dentro da sala de aula, levando em consideração que nem todas as famílias incentivam essa prática em casa, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definido de diversos gêneros textuais.

1.2 Conhecimento prévio e estratégias de leitura

Ao realizamos a atividade de leitura e produção de sentido, acionamos várias estratégias sociocognitivas, desta forma, vários tipos de conhecimento que vamos acumulando durante nossa vida são acionados diante de uma situação interacional.

Koch e Elias (2012) afirmam que para o processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional.

Quanto ao linguístico, até abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados neles compreendemos a organização linguística do texto, o uso dos meios coesivos e a seleção lexical adequada ao tema. O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo refere-se a tudo o que assimilamos no decorrer da nossa vida. Desta forma, ao realizamos a leitura de um texto, sempre retomamos, na nossa memória, o que já tínhamos lido, para fazer inferências e compreender o que o que está ao nosso redor.

O conhecimento interacional, segundo Koch e Elias (2012), refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos: ilocucional; comunicacional; metacomunicativo; superestrutural. O conhecimento ilocucional nos possibilita reconhecer os objetivos ou a intenção do produtor do texto, em uma determinada situação comunicativa. O conhecimento comunicacional refere-se à seleção de informações necessárias, numa situação comunicativa concreta, bem como a seleção da variante linguística apropriada e adequação do gênero textual de acordo com a situação comunicativa. O metacomunicativo permite assegurar a compreensão do texto, como também a aceitação dos objetivos com que foi produzido. De acordo com Koch e Elias (2012), o autor “utiliza-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual” (p.52). O conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais permite a identificação de determinados textos como sendo adequados ou não a determinados eventos da vida social.



A leitura é uma atividade extremamente complexa de produção de sentido que requer a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos e para que ela seja efetuada na escola de maneira satisfatória é necessário a organização de atividades de leitura que levem em consideração estratégias de antecipação e hipóteses.

De acordo com Santos et al (Op cit.) é importante:

“pensar em atividades de leitura que abarquem vários momentos do contato com o texto, como a pré-leitura – quando se ativam os conhecimentos prévios e se levantam hipóteses -, leitura propriamente dita – quando se trabalham aspectos textuais e linguísticos, produzindo inferências – e pós-leitura – quando se relaciona o texto a outros e as aspectos textuais.” (p.48)

Desta forma, essas estratégias de leitura são caracterizadas da seguinte forma: atividades pré-textuais que priorizam a motivação para a leitura que pode começar, no caso de um livro, pela capa e/ou contracapa, uma breve apresentação dos personagens, na leitura de partes do texto para despertar a curiosidade do leitor.

Nas atividades textuais, segundo Santos et al (Op. cit.), analisa-se características das personagens, enredo, possíveis incoerências, estratégias de construção do texto, linguagem utilizada, pontuação organização em parágrafos, diálogo, ilustração e etc.

Nas atividades pós-textuais, pode solicitar para aluno fazer uma comparação entre linguagem, transformando uma narrativa em peça teatral ou em história em quadrinho, mostrar exemplos de intertextualidade, criticar ou elogiar o comportamento dos personagens, entre outras possibilidades.

O uso de estratégias adequadas de compreensão leitora é essencial ao desenvolvimento da competência linguística do leitor. Por isso, consideramos pertinente a interpretação textual realizada a partir de estratégias de compreensão. Desta forma, os leitores, assim trabalhados, tornam-se autônomos, capazes de compreender textos diversos.

1.3 Os níveis de leitura

Collaço apud Bezerra e Tabosa (1998), afirma que existem três níveis de leitura que devem ser atingidos por um leitor proficiente, o explícito, implícito e metaplcito, definido da seguinte forma:

O nível explícito corresponde àquilo que o autor diz claramente, ao que está expresso nas linhas do texto, constituindo-se em uma atividade de decodificação, ou seja, a leitura acontece praticamente de forma automática, através do reconhecimento imediato dos sentidos

das palavras e das frases que podem ser superficiais de acordo com a complexidade do texto. Segundo Araújo (2014), esse nível de leitura pode ser “realizado por qualquer leitor alfabetizado que se depare com o texto e nele fixe atenção” (p. 65).

O nível implícito corresponde ao que não está posto linguisticamente no texto, mas que pode ser inferido a partir das informações textuais dadas. Esse nível de leitura, assim como outro, não permite inferências não autorizadas. Segundo Araújo (Op. cit.), para a realização deste nível de leitura contribuem conhecimentos textuais, linguísticos e enciclopédicos, como também o conhecimento de diversos gêneros, suas finalidades, seus aspectos composicionais, temáticos, assim como todo conhecimento adquirido pelo leitor durante a vida são importantes para o processo de inferências pertinentes

Já no nível metaplícito ocorre a reconstituição do contexto no qual o texto foi escrito para dar-lhe sentido, em que o leitor faz deduções sobre as intenções do autor em relação ao texto, realizando suposições sobre a situação em que foi escrito. Esse terceiro nível está associado ao segundo, pois para chegar até este foram necessárias as inferências do nível implícito. Neste nível, é importante a recuperação de outros textos que tratem do mesmo assunto para a recuperação dos sentidos.

Bezerra e Tabosa (2006) citam as habilidades necessárias para cada nível de acordo com Colaço (1998):

No nível explícito, seria requerida habilidades como: decifração do léxico, familiaridade com as palavras lidas, leitura fluente, associação dos significados na ordem gramatical em que aparecem e interpretação referencial correta. No nível implícito, o leitor deve saber associar automaticamente quais os dados que não estão claramente expressos, realizar inferências, reconhecer pressupostos do texto, reconhecer subentendidos, ter a atenção voltada para a ideia mais ampla e entender a maneira de se expressar do autor. Finalmente, o nível metaplícito seriam necessários o conhecimento do contexto, condições de estabelecer-se relações intertextuais, capacidade de avaliar a verossimilhança e a consistência das informações do texto, a compreensão das intenções do autor, o conhecimento da língua como reflexo do conhecimento da sociedade, reconhecimento de elementos estéticos, morais, etc. (p. 4)

Sendo assim, acreditamos que as atividades escolares devam contemplar os três níveis de leitura expostos acima, pois desta forma possibilitará ao aluno condições autônomas de compreensão.

2. ANÁLISE DOS DADOS



A fim de responder a pergunta de pesquisa será analisada uma atividade em que focalizou as estratégias pré-textuais, textuais e pós-textuais, assim como é sugerido por Santos et al (2012). As atividades pré-textuais têm por finalidade provocar nos alunos a curiosidade e conseqüentemente à vontade em ler o texto na íntegra, mas quanto a nossa experiência em sala de aula com alunos do 8º ano essa estratégia não funcionou tão bem, haja vista que os alunos não são habituados a ler com frequência, conseqüência advinda da prática de casa e que perpetua na escola, pois em uma etapa da aula solicitamos que um aluno realizasse a leitura em voz alta do gênero textual estudado (reportagem) e nenhum se prontificou a fazer isso.

Depois dessa cena, houve a necessidade em questioná-los se eles não realizavam essa prática de leitura em sala, procedimento considerado por alguns professores como tradicional, e as respostas foram as seguintes: *“Nãñ! ninguém faz isso não”*; *“Professora, a gente nunca leu em voz alta na sala”*; *“ eu num sei lê não”*, *“eu leio muito ruim, se for lê aqui todo mundo vai mangar”*.

Depois destas respostas, o primeiro passo foi tentar convencê-lo sobre a importância da leitura e todos que estavam ali sabiam ler, apenas uns realizavam esta prática com mais autonomia que outros, mas isso poderia ser mudado, pois dependia apenas deles. Com muita resistência, alguns resolveram realizar a leitura, um lia um parágrafo, outro aluno dava continuidade, mas os alunos sempre afirmavam *“tá vendo, ele não sabe lê”* ou *“ eu nun disse professora, eu não sei lê”*.

Foi notado de fato, por meio do acompanhamento diário que os alunos apresentavam inúmeras dificuldades no ato de ler. Tratando-se de alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental anos finais, não é mais permitido que os alunos não reconheçam os sons dos fonemas, desrespeitem pontuação, ignorem entonação provocada pela pontuação, entre outros problemas inadmissíveis para esse nível de ensino. Entre os vinte e sete (27) alunos matriculados e que frequentam a sala regularmente, detectamos que apenas seis (6) alunos realizavam a leitura fluentemente. Isso desde já denuncia que eles não têm contato com a leitura diária, seja ela na escola, seja em casa, algo que implica gravemente na compreensão do texto, pois se o aluno encontra dificuldade em decodificar palavras, imagina-se que encontrará inúmeras dificuldades para interpretar um texto, levando em consideração o que está subtendido.

A temática escolhida para as aulas que contemplavam leitura, interpretação e análise linguística foi “Beleza” e esta esteve presente em todo o processo de ensino-aprendizagem. Em relação à escolha dos gêneros textuais para trabalhar leitura e interpretação textual, selecionamos “capa de revista”, reportagens e artigo de opinião. A variedade de gêneros foi interessante, pois tivemos suporte para mostrar a mesma temática abordada sob posicionamentos diferentes de acordo com a estrutura de cada gênero e seus respectivos autores.

Dentre esses gêneros abordados, nossa análise focalizará uma atividade escrita que apresenta estratégias pré-textuais e textuais a partir do gênero reportagem. A aula aconteceu da seguinte maneira: Foi entregue para os alunos duas reportagens intitulada “*Livres ou escravos da beleza?*” e “*Brasil ocupa 2ª posição em número de cirurgias plásticas estéticas no mundo*”, na sequência, os alunos foram interrogados sobre o reconhecimento do gênero e posteriormente foram explicadas as características do mesmo. Após esse momento, foi solicitado que algum aluno lesse a primeira reportagem, mas nenhum se prontificou, alguns até se recusaram e afirmaram que não sabiam ler.

Aos poucos, com conversas a respeito da importância da leitura e sobre o tema que estava sendo tratado, alguns alunos se prontificaram a ler. Desde já, foram observadas as dificuldades aparentes em relação à leitura, pois muitos aparentavam ainda estar no nível da decodificação, o que nos chamou atenção para observar melhor essa questão e que será objeto de nossa análise.

Após a leitura das reportagens, foi realizada uma breve discussão a respeito dos textos lidos, isso com muita dificuldade, pois a maioria dos alunos não participavam da discussão. Após esse momento, foi aplicada uma atividade que considerou as estratégias pré-textuais e textuais sobre a reportagem. Depois da correção indicativa foi necessária uma reescrita, mas antes foi explicada novamente cada questão que funcionou da seguinte maneira: foram expostos em datashow algumas repostas extraídas da primeira versão da atividade e discutida com eles qual seria a mais adequada de acordo com o enunciado. Outras atividades foram aplicadas após essa, no entanto, a título de análise será levada em conta esta atividade de leitura que durou duas aulas para a primeira versão e uma para a reescrita.

Dentre os 27 alunos da turma, apenas 19 realizaram a atividade que será analisada. Quanto à primeira parte do exercício, que contemplava questões que não apresentava nível de complexidade elevado, uma vez que se referiam aos elementos pré-textuais (título, subtítulo,



imagens presentes dentro do texto, entre outros). Uma das questões pré-textuais aplicada para os alunos foi a seguinte:

	<p>Atividade de Leitura e interpretação</p> <p>De acordo com a reportagem 01 (LIVRES OU ESCRAVOS DA BELEZA?), já lida e debatida, responda as tarefas propostas. (Atividades <u>pré</u>-textuais)</p> <p>01) Com relação ao título da reportagem, responda:</p> <p>a) Qual palavra é empregada com valor positivo e qual é empregada com valor negativo de acordo com o assunto tratado? Justifique.</p>
--	---

Figura 01 - questão 01 da atividade analisada.

Esse enunciado indica que os alunos precisam se voltar para o título da reportagem, ler, entender e posteriormente também relacionar com o conteúdo tratado. A primeira parte da questão apenas exige que os alunos identifiquem no título da reportagem uma palavra com valor positivo e a outra com valor negativo. Ao se direcionar para o título, mesmo sem ter lido a reportagem, os alunos do 8º Ano deveriam saber decodificar pela associação dos significados dos vocábulos, que a palavra “livres” implica em algo positivo e “escravos” implica em algo negativo.

No entanto, mais da metade dos alunos, ou seja, doze (12) alunos não conseguiram nem compreender o que foi solicitado pelo enunciado, cinco (5) atenderam apenas a primeira parte do que foi solicitado no enunciado e dois (2) alunos atenderam parcialmente as duas partes da questão, ou seja, identificavam as palavras com o valor positivo e negativo e também justificavam.

Essa mesma realidade se repete na resolução de outra questão que também levou em conta as estratégias pré-textuais para ser elaborada. Vejamos a questão de número 02:

24	<p>02) As imagens que aparecem no texto fazem referência ao assunto tratado ou não há combinação entre as imagens e assunto? Justifique.</p>
----	---

Figura 02 - questão 02 da atividade analisada

Para que o aluno responda essa questão, ele precisaria voltar ao gênero, observar a imagem e relacioná-la com o assunto tratado. Estes comandos estão na questão de maneira implícita, ou seja, não está posto linguisticamente, mas podem ser recuperados a partir das informações textuais dadas. Os resultados também não foram bons, ou seja, 10 alunos não atendem ao que foi solicitado, 3 atenderam parcialmente e 6 atenderam na íntegra o

solicitado. No entanto, a maioria encontra-se ainda no nível explícito, ou seja, apenas decodificando as palavras e não compreende o solicitado.

Percebemos que o número de alunos que conseguiram responder a questão é bem menor do que os que não conseguiram. As respostas analisadas apresentavam problemas de ortografia, concordância, pontuação, entre outros, mas estes alunos conseguiram compreender o enunciado e relacioná-lo com a reportagem, demonstrando assim que apenas 6 alunos ultrapassaram o nível de leitura explícito e atingiram o nível implícito. Resultado não satisfatório, já que estamos nos referindo a alunos de 8º Ano.

Os problemas de escrita também não deveriam ser comuns a este nível de ensino, mas associamos o problema à falta de leitura e conseqüentemente à prática ativa da escrita, bem como da reescrita, pois todos esses alunos foram orientados a reescreverem a referida atividade, porém eles não conseguiram examinar sua própria atividade. Entre as reescrituras do exercício, muitos apenas efetuaram a repetição da primeira versão, pois os alunos não estavam preocupados em aprender, pelo contrário, estavam apenas pensando na nota que iriam receber se caso efetuasse a reescritura.

A fim de aprofundar a analisar do desempenho dos alunos quanto aos níveis de leitura, selecionamos outra questão do mesmo exercício. Nesta, o resultado também não foi muito diferente das outras questões analisadas, os alunos apresentaram os mesmos problemas de escrita e poucos conseguiram atender ao solicitado pelo enunciado. A questão analisada foi a seguinte:

Atividades textuais

03) O título é uma pergunta que conseqüentemente conduz a um posicionamento do autor. De acordo com as leituras realizadas o autor se posiciona contra ou a favor da ditadura a beleza? Justifique.

Figura 03 - questão 03 da atividade analisada

Esta questão, para ser elaborada levou em consideração também as estratégias propostas por Santos et al (2012), neste caso, ela direciona o aluno para o entendimento do texto, diferente das outras duas questões já analisadas que se voltavam para o título e para as imagens presentes na reportagem. Esta exige que o aluno compreenda o posicionamento do autor.

As duas questões já analisadas (Questão 01 e 02) abarcavam o nível explícito e o implícito, já a questão que será analisada abaixo exige que o aluno tenha domínio do nível



metaplícito, pois é necessário compreender as intenções do autor, bem como avaliar se os argumentos utilizados pelo autor da reportagem são a favor ou contra a ditadura da beleza. O nível implícito também precisa ser acionado, já que é necessário que os alunos estabeleçam inferências para avaliar o posicionamento do autor.

Dentre as respostas para esta questão, temos os seguintes resultados: 11 alunos não atenderam ao solicitado, 04 alunos atenderam parcialmente e 04 conseguiram responder a questão de acordo como exigido pelo enunciado. Dentre os 19 alunos, apenas 4 alunos conseguiram responder esta questão chegando a elaborar uma resposta que, com algumas correções, se tornariam umas respostas coerentes em relação ao que foi solicitado. O interessante é que esses mesmos alunos que responderam essas 4 questões estão entre os alunos da turma que realizam a leitura fluentemente, respeitando a pontuação e a entonação. Estes alunos também participavam ativamente das discussões a respeito dos textos lidos em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a leitura em sala de aula é algo que exige do professor esforço e paciência, pois não é uma atividade que notamos de imediato os resultados. É na prática diária, junto com a motivação estabelecida pelo professor, que o aluno desenvolve o gosto pela leitura. A escola tem sido o lugar de primeiro acesso para a leitura, pois as crianças não estão tendo o incentivo em casa. Nesta situação, a instituição deve proporcionar momentos de contato e práticas de leituras eficazes que possam superar defasagem trazida de casa.

A escola ultimamente precisou assumir o papel de formar leitores sozinha e isso tem sido uma tarefa difícil, pois entra em campo diversos problemas: os alunos chegam na escola e não apresentam nenhum contato com a leitura, o tempo que o professor dispõe, principalmente o de língua portuguesa, salientando que essa atividade não é apenas responsabilidade dele, é muito pouco para realizar diariamente um trabalho efetivo e prazeroso de leitura, entre outros obstáculos para tal prática. É necessário que a leitura esteja presente em todas as disciplinas com o objetivo de formar leitores capazes de compreender os diferentes textos que circulam socialmente.

No entanto, isso ainda é uma prática que destoa da realidade, pois uma parte dos alunos chegam ao 8º ano do ensino fundamental sem compreender o que lê, estando ainda em um nível de decodificação. Essa realidade foi constatada na turma de 8º Ano da Escola



Estadual do Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, em que analisando atividades de interpretação textual tivemos a oportunidade de presenciar as inúmeras dificuldades que os alunos apresentavam quando precisavam responder uma questão que envolveriam o nível implícito e metaplícito. Entre dezenove alunos que efetuaram uma atividade de compreensão do gênero reportagem, destacando três questões para análise, detectamos que a metade dos alunos não conseguem compreender o que a questão solicita, nem tão pouco relacionar e avaliar o posicionamento do autor.

Vale salientar, que essa atividade foi uma entre outras da sequência didática e que não aconteceu sem leituras prévias, até chegar a sua execução, outras leituras sobre a mesma temática foi realizada, sob a perspectiva de outros gêneros, o que possibilitou novos conhecimentos a respeito da temática, no entanto, os resultados não foram positivos por que a maioria dos alunos não conseguiram interpretar o gênero reportagem levando em consideração os níveis explícito, implícito e metaplícito. Infelizmente encontramos um grande número de aluno desse nível de ensino que apenas decodifica as palavras, ou seja, ainda se encontra no nível explícito.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. A.; TABOSA, M. Q. Habilidades de leitura requeridas e demonstradas em vestibulares. **Revista Intercâmbio**, Volume XV. São Paulo: LAEL/PUC – SP, ISSN 1806-275X, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acessado em agosto de 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo : Contexto, 2012

ARAÚJO, Denise Lino de. **Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer** – Olinda: Livro Rápido, 2014.

SANTOS, Leonor Werneck et al. Práticas de leitura de textos orais e escritos In: SANTOS, Leonor Werneck et al. **Análise e produção textual** – São Paulo: Contexto, 2012.

COLAÇO, M. Níveis de processamento de sentido. Congresso Nacional de Linguagem e Ensino. Pelotas, UCPel, 1998.